

# Delocutividade e distúrbios de linguagem

Celia Della M<sup>a</sup>

## Resumo

A noção de delocutividade proposta por Émile Benveniste em *Os verbos delocutivos* (de 1958) é o foco desta reflexão, que se propõe a resgatar a concepção original benvenistiana, considerar propostas que a contestam e/ou afirmam e a expandem, averiguar a noção aplicada ao contexto brasileiro e, por fim, vislumbrar possibilidades interpretativas de distúrbios de linguagem, considerando o fenômeno da delocutividade. Nessa trajetória, chega-se à compreensão de que a noção delocutiva é um processo que pode ser extensivo à língua toda e que, por meio dele, revelam-se significâncias, entendidas como efeitos da enunciação sobre a língua. É nessa acepção que o estudo sobre o reaver a linguagem fruto de distúrbio, ou seja, em novo estado nascente, pode ser percebido.

**Palavras-chave:** Afasia. Delocução. Enunciação. Linguagem.

## Introdução

Desde março de 2018, tive a oportunidade de conviver com pacientes afásicos que buscavam tratamento no Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Esses pacientes são encaminhados ao Grupo Interdisciplinar de Convivência (GIC)<sup>1</sup> para, além do atendimento individual em conformidade com a necessidade de cada caso, participarem de um espaço de convivência no qual terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, linguistas e psicólogos reúnem-se com pacientes afásicos, pelo menos uma vez por semana, para atividades diversas.

No GIC, em torno de 20 pacientes em estágios diferentes de afasia expõem suas ideias e recebem a atenção de profissionais e acadêmicos em formação que atuam, voluntariamente, na promoção de atividades e na valorização do compartilhamento de vivências. O grupo,

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: celiadmea@gmail.com

além de seu caráter extensionista, permite e proporciona a reflexão constante sobre os fenômenos acerca da linguagem. Das reflexões que se instalaram em mim, nesse meu “conviver” com o ser afásico, exponho fatos que muito me instigaram com relação a um dos pacientes que acompanho e que, após um acidente vascular cerebral, há oito anos, manifesta um quadro de anomia. Nesse sentido, apoio-me em Jakobson, para quem a Linguística revela interesse em todos os aspectos da linguagem:

[...] pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução (2007, p. 34).

Cito dois fatos cujos distúrbios na linguagem impulsionaram minhas reflexões: o primeiro diz respeito ao paciente Marc,<sup>2</sup> que, ao tentar explicar um local onde havia assistido a um filme, relatou: “*Foi aqui no mundo*” – o que, *a posteriori*, desvendei ser na Argentina. Marc foi às palpadelas em busca do nome adequado para o país que queria denominar. Dizia: “*Como é que é mesmo? Que se chama mesmo?*”. Pensei em Brasil. Ele então retornou: “*Não é esse... outro... outro... igual, mas outro*”. Quando cheguei ao país que ele queria nominalizar (Argentina), veio a confirmação: “*Isso... isso... é isso...*”. O outro fato diz respeito ao vocábulo “escultura”, que foi pronunciado por Marc somente após muitas tentativas e de modo meio soletrado. Ele trazia uma foto consigo, na qual havia uma “escultura”, e queria dizer como se chamava aquilo.

Diante de tais fatos, dos muitos fenômenos da linguagem que me vieram à mente, elegi a noção de delocutividade, na acepção proposta por Émile Benveniste, para refletir, pois dela valho-lhe para tentar conceber um percurso do reaver (linguagem em estado nascente), mesmo que lento, a linguagem do paciente Marc (linguagem em dissolução). Para isso, além da retomada da concepção original benvenistiana, abordo algumas propostas que a discutem e verifico a noção aplicada ao contexto brasileiro. Por fim, observo de que forma a noção delocutiva da língua colabora para a compreensão de distúrbios de linguagem.

## A noção delocutiva: o texto fundador e alguns desdobramentos<sup>3</sup>

O que Émile Benveniste apresenta sobre a noção de delocutividade foi registrado, em 1958, no texto intitulado *Os verbos delocutivos*. A propriedade com que o autor propôs sua conceituação deu-lhe o crédito de fundador da noção de derivação delocutiva, embora Fruyt (1997) assinala que esse fenômeno já tinha sido reconhecido, em 1917, por A. Debrunner, mas sem o registro do mecanismo de realização desse fenômeno na língua – proposição que Benveniste fez. Além desse mérito creditado a Benveniste, entende-se que a noção de que o uso cria estruturas da língua permitiu e impeliu a inserção de sua proposta em

análises críticas e aprofundamentos de sua iniciativa.

Benveniste propõe, no texto fundador, um processo de formação lexical por meio de uma locução, ou seja, o autor define um tipo de verbo que se caracteriza por derivar de uma locução (enunciação) – os delocutivos –, ao contrário dos denominativos, que derivam de um nome, e dos deverbativos, originários de verbos. Para a ilustração de sua proposta, utiliza verbos de línguas clássicas e modernas, o que, segundo ele, não foi feito para delimitar famílias de língua, mas para revelar similaridades nas criações morfológicas.

Sua discussão inicia com o termo latino *salutare* (saudar), em relação a *salus* (nominativo) e *salutis* (genitivo) – (saúde). O termo derivado *salutare* é oriundo da saudação *salus!* – e não do vocábulo *salus* –, afirma Benveniste. Sua justificativa está baseada no fato de o *salus* – base de *salutare* – estar marcado pela relação *dizer* e não pelo fato de *fazer* a saudação. Tem-se, assim, *salutare* não originário de um signo nominal, mas de uma locução do discurso. Tal constatação leva Benveniste a evidenciar, através de outros verbos, que o valor do signo linguístico pode não transparecer todos os elementos formadores na língua, sendo necessário o resgate da atualização da língua, a fim de que, no discurso, revele-se o processo que deu origem aos termos – em Benveniste, os verbos denominados delocutivos.

A fim de explicitar sua proposta, Benveniste utilizou verbos do francês oriundos do latim, do alemão, do inglês,

do eslavo e do armênio, o que possibilita dizer que sua base explicativa está marcada pela generalidade (universalidade) do fenômeno linguístico delocutivo, já que expande para algumas línguas a exemplificação proposta. Ao mesmo tempo, Benveniste não contempla formações delocutivas além da classe dos verbos, criando-se, assim, a possibilidade investigativa das formas delocutivas inerentes das demais entidades lexicais que compõem uma língua.

Benveniste registra, com a diversidade de seus exemplos, que a delocutividade é um processo de formação frequente, atrelado à cultura das diversas sociedades, podendo resultar de criações independentes ou de ações de uma língua sobre outra (diacronia). Afirma, ainda, que a relação locução/delocutivo deve ser proposta sincronicamente, sem necessidade de alusão ao processo histórico percorrido para formação das línguas. No entanto, na busca pela história da língua, por vezes se encontra a explicação para determinados processos de formação delocutiva.

Para finalizar a demonstração desse novo tipo de derivação verbal, Benveniste alerta para possíveis dificuldades na identificação de um verbo delocutivo, a saber, os verbos derivados de interjeições e os chamados verbos de desejos, pela gramática tradicional, não podem ser confundidos com os de formação delocutiva.

Para a primeira dificuldade, eleger o significante como o elemento identificador de um delocutivo, pois, nas palavras de Benveniste, “[...] um delocutivo tem sem-

pre como radical um significante” (1995a, p. 314). Os verbos que se constroem sobre simples onomatopeias ficam excluídos dessa possibilidade. Entretanto, nada impede que uma interjeição, no discurso, motive uma formação delocutiva, desde que tenha como radical um significante. Quanto à possível confusão entre os delocutivos e os verbos de desejo, para Benveniste, é preciso considerar o delocutivo não pelo conteúdo intencional, mas “[...] pela relação formal entre uma locução e um verbo que denota o enunciado dessa locução” (1995a, p. 315). *Souhaiter* (desejar), verbo tipicamente de desejo, é comparado a *saluer* (saudar), verbo tipicamente delocutivo. *Souhait* (desejo) não é uma fórmula de desejo, é simplesmente um substantivo, enquanto *salut* (saúde), sob a forma de locução, vai além de um substantivo e assume características que permitem identificar a origem do verbo *saluer* do emprego de *salut* como locução remissiva ao ato enunciativo.

Fica evidente que, para o autor, a delocutividade define-se com uma base nominal na relação “dizer”, e não na relação “fazer” – própria do denominativo; deriva não de um signo da língua, e, sim, de uma locução do discurso, sendo, portanto, o colocar a língua em funcionamento um fator definidor da formação lexical de uma língua. É preciso, então, considerar a enunciação como formadora de elementos da língua. A partir dessa proposta benvenistiana, a produtividade lexical passa a estar atrelada a uma atividade do discurso.

Após a proposta benvenistiana de formação de verbos por meio de uma locução – os verbos delocutivos –, surgiram interpretações que objetivaram questionar e/ou reformular a proposta fundadora. Neste espaço, examinam-se aspectos que receberam maior preocupação na literatura sobre o assunto e são passíveis de discussão mais detalhada:

- a) a suposta confusão entre sincronia e diacronia;
- b) a facilidade em diferenciar verbos oriundos de interjeições de verbos delocutivos;
- c) a limitação do termo delocutividade a verbos;
- d) a ambígua interpretação sobre o ato de dizer.

## Sincronia *versus* diacronia

Não pensamos em nada mais apropriado do que referir, inicialmente, as palavras de Benveniste sobre o fato de a delocutividade ser uma atividade marcada pela sincronia; a delocutividade, para o autor, trata-se de “[...] uma relação que se deve propor sincronicamente, sem consideração da descendência histórica [...]” (1995a, p. 310), isto é, a relação entre a locução (palavra) e o delocutivo (signo) é um acontecimento marcado pela sincronia dos componentes envolvidos no processo de transitividade. Há, entretanto, propostas que alçaram a diacronia no intuito de descrever uma formação delocutiva.

Ilari (2002) cita uma busca pelo “sentido original” do vocábulo, a fim de situar

o delocutivo como um elemento da língua oriundo de uma locução do discurso. Promove, então, uma garimpagem pela formação diacrônica dos termos, a fim de elucidar a trajetória formativa do sentido desses termos, marcada pela relação dizer – típica de um delocutivo. Entendemos ser viável a proposta do autor, na medida em que o “dizer”, na constituição do delocutivo, é resgatado por meio dessa volta às origens. Entretanto, seguimos por outra perspectiva. Por nosso viés de análise, não há motivos para transitar nesse percurso diacrônico, pois é da natureza de um delocutivo ser marcado pelo dizer, portanto, não há necessidade de alusão ao historicismo na formação das unidades da língua – essa (a relação “dizer”) seria a condição básica para a realização delocutiva da língua. A diacronia pode servir, então, como suporte explicativo para o que denominamos de delocutividade em sentido *stricto* – o que não anula a proposta do autor, apenas revela uma das possibilidades de entendimento da noção delocutiva.

Por outro viés de entendimento segue Fruyt (1997). A autora concebe diacronia e sincronia considerando a existência dos dois processos na análise do fenômeno da delocutividade. Propõe entendermos a diacronia como um fenômeno ligado à origem morfológica dos termos, assim, *bisser* (francês) é construído sobre *bis!* e *negare* (latim), sobre *neg*. A sincronia estaria no estabelecimento da associação de um verbo a uma sequência do discurso, como o francês *salut!*, cujo verbo *saudar*

seria originário de dizer *salut!*. Entendemos que o processo diacrônico pode, sim, ser desencadeador de explicações sobre a trajetória dos termos, já que evidencia a trajetória histórica percorrida para constituição do sentido, mas não confere estatuto de delocutivo a um determinado uso. Consideramos evidente a necessidade de processo sincrônico, marcado pela relação “dizer”, para a definição e o estabelecimento do fenômeno delocutivo na acepção a que nos propomos.

Embora esse ponto na descrição da análise de um delocutivo seja reavaliado por estudiosos como Fruyt (1997) e Ilari (2002), mantivemo-nos fiéis à proposta original, sobre a delocutividade ser uma atividade do discurso formadora de elementos da língua, cuja descrição deve ser considerada na sincronia dos elementos envolvidos no processo de transitividade discurso/língua. Nossa decisão firma-se no fato de entendermos a descrição diacrônica, no processo delocutivo, como viável para explicações de constituição de sentidos, por isso de natureza explicativo-evolutiva, entretanto, essa descrição não é condição para definição e/ou estabelecimento de um delocutivo na acepção benvenistiana a qual nos filiamos.

## Interjeições, onomatopeias e delocutivos

Ao propor a noção delocutiva, Benveniste (1995a) considera ser o significante o radical do elemento delocutivo e, com isso, afasta construções onomatopaicas

e interjeições que não comportem uma base significante. Essa exclusão de onomatopeias e de interjeições como bases desencadeadoras de delocutividade é questionada por Fruyt (1997). A autora considera que não há uma fronteira bem definida entre essas categorias e os lexemas prototípicos centrais no léxico e que todos esses casos (incluindo os lexemas atípicos) podem servir de base para derivados delocutivos, assim como já serviram de base para formações de substantivos, adjetivos e verbos, perfeitamente integrados em determinadas línguas. Cremos na possibilidade levantada pela autora, mas com lembrança e ressalva de que, conforme Benveniste, é preciso um significante que sirva de base para um delocutivo, mesmo que esse significante seja de uma onomatopeia ou interjeição.

Ao considerar as onomatopeias, Rey-Debove (1975) explica a possível confusão que poderia se originar entre *tutoyer* e os casos de *claquer*, *huer*, *chuchoter* – construídos sobre onomatopeias – o radical de *tutoyer* é um signo linguístico (tu) que comporta um significante, enquanto que *claquer* é construído sobre uma onomatopeia cujo significante é um ruído. A semelhança entre tu (autônomo) e *clac* não se dá pelo tipo de significante, mas pelo tipo de significado em que se manifesta a reflexividade. A onomatopeia manifesta reflexividade na face presente do signo – de fato *clac* significa o barulho *clac* –, e a palavra autônoma manifesta reflexividade nas duas faces

do signo: na presente e na ausente. Rey-Debove (1975) afirma que, por isso, a onomatopeia permite a compreensão ainda que desconhecida do interlocutor, sendo que a palavra autônoma será compreendida somente se o interlocutor conhecer o signo. Quando houver um signo desconhecido ou ainda um neologismo, a compreensão se limita ao significado do significante, ou seja, ignora-se o significado, apenas retém-se o significante como o representante do sentido.

Segundo a autora, isso não acontece com as onomatopeias, já que essas eliminam completamente o conteúdo linguístico como face ausente do signo. Assim, tanto a onomatopeia quanto a palavra autônoma se assemelham pela presença do significante, do significado e, por conseguinte, enquadram-se na proposta de delocutividade benvenistiana, por possuírem um significante como base, embora, para a autora, não se sustente a oposição terminológica delocutivo/denominativo, pois considera os delocutivos “denominativos autonímicos”, ou seja, enquadra-os como denominativos, uma vez que a base de todos seria um nome; isso por entender ser a autonímia de base o único critério que define, efetivamente, um delocutivo benvenistiano.

Consideramos o viés de análise de Rey-Debove (1975) e cremos na viabilidade da proposta na medida em que estabelece um único critério – a autonímia de base – para dar conta do fenômeno da delocutividade. Entretanto, não nos associamos a essa proposta por

entendermos ser possível a derivação delocutiva como elemento oriundo de locução. A proposta da autora elimina essa possibilidade, porém.

Sobre a facilidade, citada por Benveniste (1995a), em diferenciar um delocutivo de construções sobre simples onomatopeias, também Anscombre (1985) faz sua crítica. Para ele, essa facilidade de distinção é apenas aparente e repousa sobre o fato de Benveniste confundir *forma* e *função*. O autor adverte que uma forma onomatopaica pode ter uma função onomatopaica, mas pode ir além dela e também comportar função significativa, conforme ilustra com os termos *tic-tac*, *toc*, *ric-rac* e *Ouf!*, e assim, em termos benvenistianos, “[...] ser uma interjeição no discurso, mas sem cessar de ser significativa” (1995a, p. 314). Diante disso, a palavra morfologicamente derivada de uma forma onomatopaica pode ser alçada sobre a função onomatopaica do radical, mas também pode estar alicerçada sobre um significativo. Dessa dupla possibilidade provém uma ambiguidade semântica a ser considerada.

A fim de clarear um pouco a questão expressiva ligada às onomatopeias e dar conta dessa ambiguidade, Anscombre (1985) propõe a existência de ciclos de funções, cuja trajetória pode ser de *onomatopée-lexème-onomatopée*, ou ainda, a trajetória *lexème-onomatopée-lexème*. Nesse caso, o lexema serviria para representar um barulho ou acontecimento, sem forma necessariamente onomatopaica; sofrendo transformações

morfológicas de modo que a forma acentue o seu caráter expressivo. Afasta-se, então, da forma original, para se adaptar aos esquemas expressivos em vigor – ou sentidos – próprios da língua e da época em questão. Em sincronia, a origem lexical da expressão passa para opacidade, de forma que, seja por deslizamento semântico ou por uso linguístico, a relação entre aspecto lexical e expressivo atenua-se e pode chegar ao ponto de desaparecer, tornando-se, então, opaco o lado onomatopaico da expressão.

Anscombre (1985) discute a função onomatopaica do exemplo *to boo* (ingl. vaiar), que, citado por Benveniste (1995a), seria um verbo não delocutivo, por ser constituído sobre simples onomatopeia. Esse verbo, originalmente, parece ser construído sobre um radical onomatopaico – *boo!* –, embora a função onomatopaica tenha, na atualidade, praticamente desaparecido; assim, na descrição sincrônica, o verbo não se justifica como derivado de onomatopeia e, pela descrição diacrônica, não se explica por não comportar o significado de fazer certo barulho representado pela onomatopeia *boo!*

Por uma segunda possibilidade explicativa, *to boo* é semanticamente mais próximo de *boo!* em função significativa que em função onomatopaica, porque a função onomatopaica de *boo!* foi aos poucos substituída pela função significativa, cujo significado é fazer um ato específico que pode ser realizado com a interjeição *boo!* Dessa forma, tanto *to boo*

(verbo) quanto *a boo* (substantivo) são delocutivos sincrônicos de *boo!*, assim como *bisser* e um *bis* são de *bis!*, pois são construídos sobre base significante, conforme a determinação benvenistiana. Anscombre (1985) aponta, ainda, que a interjeição aparece anterior ao verbo e ao substantivo (questão diacrônica), e que *boo!*, como representação inicial do grito de uma vaca, teria por formação o seguinte processo: a) o grito da vaca; b) imitação do grito da vaca para assustar; c) assustar para fazer partir; d) vontade de fazer partir como índice de reprovação; e) expressão de desaprovação.

Com esses exemplos e explicações, registra-se a conveniência em haver um questionamento sobre o lugar sincrônico e o processo diacrônico originário de cada verbo cuja raiz seja onomatopaica. Esses procedimentos serviriam para definir se há um simples deslize semântico de um verbo com origem onomatopaica, ou se há uma autêntica delocutividade a partir de uma locução significante, embora de origem onomatopaica. Anscombre (1985) utiliza representações para facilitar a compreensão de fenômenos linguísticos sincrônicos e diacrônicos: M representa um lexema simples ou complexo; F, uma forma linguística; e S, o sentido.

Segundo o autor, M<sup>2</sup> é um delocutivo de M<sup>1</sup> se M<sup>2</sup> for morfológicamente derivado de M<sup>1</sup> e se o sentido de M<sup>2</sup> for compreendido ao resgatar o ato de linguagem realizado em certas enunciações de M<sup>1</sup>. Com base nessa definição e considerando a noção de ciclo inicialmente proposta,

o autor justifica o caráter delocutivo de algumas onomatopeias e interjeições.

Consideramos viável observar a forma e a(s) função(ões) de onomatopeias e interjeições, a fim de definirmos se há, ou não, função significante a ser resgatada pela observação dos ciclos pertinentes. Entretanto, não abdicamos da proposição benvenistiana sobre a necessidade de o significante estar presente na face do signo e servir-lhe de radical para que o delocutivo se estabeleça e que, embora interpretações, como a de Anscombre, possam ser viáveis, elas não anulam a proposta inicial, ou seja, a manutenção do pensamento benvenistiano mantém-se – “Um delocutivo tem sempre como radical um *significante*” (BENVENISTE, 1995a, p. 314, grifo do autor).

## Delocutivos, verbos e classes de palavras

Émile Benveniste, em seu artigo-base sobre delocutividade, havia tratado apenas da categoria verbos, porém, segundo alguns estudiosos, a noção delocutiva é passível de ser estendida para as outras categorias gramaticais ou mesmo a língua toda, conforme nos propusemos.

Acompanhamos o pensamento de Fruyt (1997), segundo o qual, a proposta de Benveniste (1995a) não restringe a noção delocutiva à classe dos verbos. Embora o autor tenha exposto a categoria verbal ao explicitar a noção original, é possível situar o conceito de delocutividade como uma concepção linguística maior,

não reduzida à aplicação aos verbos. Conforme a autora, é preciso considerar a possibilidade de existência delocutiva como um fenômeno geral e não apenas como um fenômeno restrito à categoria dos verbos. Fruyt (1997) confere tanto a substantivos quanto a adjetivos (em número menor) a possibilidade de comportar natureza delocutiva. Para ilustrar o delocutivo substantivo, Fruyt (1997, p. 67) cita o enunciado *Ce “Bonjour!” m’a paru bien cavalier e le “oui” de la mariée était timide*, pronunciado por uma terceira pessoa. A autora traz, ainda, os termos *un adieu*, *un au revoir*, evidenciando, ao lado de enunciados completos, termos que comportam a mesma propriedade delocutiva. A fim de caracterizar uma pessoa por meio de um enunciado proferido, propõe *un m’as-tu-vu*.

Fruyt acrescenta que, ao considerar a delocutividade em sentido amplo, não é fácil encontrar o delocutivo perfeito, ou seja, aquele que responde a todos os critérios do núcleo prototípico. Crê ser útil a descrição desse fenômeno para o linguista, porém lamenta que Benveniste tenha escolhido termos latinos para ilustrar a proposta, por considerá-los pouco produtivos naquela língua. Ainda, salienta que, na prática, pode ser possível observar, como ponto comum a todos os delocutivos, o fato de o delocutivo ser construído morfologicamente sobre a sequência de discurso.

Outros teóricos também entenderam ser a delocutividade um fenômeno geral e evidenciaram, por meio de aplicações

da noção, a possibilidade de ser extensiva a outras categorias gramaticais.

Ducrot (1988) exemplifica a derivação delocutiva com verbos (esp. *pordiosear*), substantivos (fr. *matuvu*), adjetivos (port. *puto* – da vida), advérbios (fr. *diablement*) e interjeições (fr. *Diable!*). Em todos os casos, o recurso à delocutividade pode explicar e justificar a possibilidade de criar significados novos aos termos. Isso porque a entidade linguística, inserida na enunciação, tem um valor semântico diferenciado e a delocutividade permite que o valor enunciativo seja agregado à entidade linguística e construa um novo significado. A noção delocutiva, para o autor, revela como fabricamos, para as palavras, valores semânticos ligados ao ato enunciativo; com a delocutividade, é possível explicar a possibilidade de criar significados novos advindos da enunciação, isto é, a noção delocutiva explicita a criatividade semântica da língua.

Rey-Debove (1975) registra que o fenômeno delocutivo pode ser, também, extensivo à formação de nomes e adjetivos; entretanto, a delocutividade, para ela, é apenas um caso particular de derivação geral sobre base autônoma – o que entendemos ser uma interpretação que dissolve a possibilidade proposta por Émile Benveniste de a locução ser a origem de formações léxicas.

Darms (1980), ao discutir problemas sobre a formação delocutiva das palavras, defende que nomes também podem derivar de locuções. O autor comprova

sua tese com exemplos como *nastica* (sânscrito, incrédulo), nome oriundo da junção de *na* e *asti* (não é, não existe), cujo significado parte do dizer “aquilo não existe”. Ele salienta que os exemplos citados, embora pouco numerosos, provam que também os nomes podem derivar de locuções do discurso, sendo ainda possível encontrar outros exemplos ao se dedicar maior atenção a este tipo especial de formação nominal – fato que, segundo Darms, carece de maior atenção.

Entendemos que Benveniste considerava as possibilidades de uso dos termos (verbos), e atrelado a isso está à noção polissêmica desses termos. Mesmo que o autor tenha utilizado somente verbos para sua exposição, é preciso que não se reduza a noção delocutiva aos casos de derivação morfológica de verbos. É necessário vislumbrar, também, as possibilidades de usos relacionados com a evolução semântica dos termos, para que se possa alcançar a profundidade da proposta benvenistiana.

Nossa acepcão sobre a noção delocutiva segue por uma perspectiva ampliada, ou seja, não confere o caráter delocutivo apenas aos verbos, como também não propõe outras classes a serem analisadas pelo viés da delocutividade. Entendemos a delocutividade como um fenômeno geral extensivo à língua como um todo. Nossa forma de apreensão permite estender a todos os termos da língua a propriedade de serem delocutivos, pois a locução do discurso será a formadora

das unidades léxicas da língua – o que propicia a inclusão de todas as propostas sobre as classes gramaticais, mas retira delas a importância em sua especificação para fins de identificação e/ou definição de delocutivos. Nesse sentido, as classes não definem e/ou caracterizam os delocutivos, os usos delocutivos é que definem as possibilidades taxonômicas que a língua comporta.

## Sobre o ato de *dizer*

Quanto à definição dos delocutivos como verbos do “dizer”, feita por Émile Benveniste, diferentemente dos verbos do “fazer”, reconhecidamente denominativos, Fruyt (1997), para fazer sua crítica, registra que os delocutivos, que deveriam significar *dizer X*, são raramente monosssemânticos e acrescenta que alguns dos verbos delocutivos, citados por Benveniste (1995a), permitem o emprego performativo em que o “fazer” e o “dizer” são indissociáveis (lat. *parentare*), e que alguns de seus exemplos delocutivos denotam um processo desencadeador de sentimento (grego, *χα|ρε*).

Com essas constatações, Fruyt (1997) desconsidera a questão do “dizer” como elemento definidor de um delocutivo – o que parece retirar da noção original a característica que mais a define, pois, nas considerações de Benveniste, um delocutivo tem por “traço essencial e sinalético” o fato de “estar com a sua base nominal na relação ‘dizer...’, e não na relação ‘fazer...’, que é própria do denominativo” (1995a, p. 315).

Consideremos, então, o que propõe Josette Rey-Debove, em 1975, no artigo “Benveniste et l'autonymie: les verbes délocutifs”. A autora chama atenção para a proposta benvenistiana de delocutividade, como um processo derivacional que não havia, ainda, recebido o devido reconhecimento dos linguistas. Segundo a autora, Benveniste trata do fenômeno da autonímia sem, no entanto, esclarecê-lo, já que mantém, em seu artigo, uma frouxidão terminológica, da qual deriva, para o leitor, apenas um sentimento intuitivo sobre o fenômeno.

A autonímia, pela concepção da autora, permite diferenciar o estatuto entre “fazer” e “dizer”: o “dizer” relacionado ao universo metalinguístico dos signos (a palavra); e o “fazer”, ao universo das coisas (o gesto). Assim, “Toutes les séquences rapportées en style direct qui suivent le verbe *dire* sont métalinguistiques autonymes, et homonymes des mêmes séquences en usage ordinaire” (1975, p. 246), sendo o próprio verbo – dizer – metalinguístico não autônomo e não reflexivo, já que retoma um ato metalinguístico, mas não significa seu próprio signo, e, sim, outro(s).

Rey-Debove (1975) considera que o discurso metalinguístico organiza-se num duplo sistema intercomplementar: o primeiro trata do universo da linguagem em oposição ao do mundo; e o segundo, dos signos dos quais se fala. Como possuem elementos intercambiáveis, a autora considera pouco relevante a oposição vocábulo/locução do discurso,

já que os signos autônomos podem, por natureza, significar uma unidade da língua ou uma sequência de discurso. Em discurso, o vocábulo é uma unidade de discurso como a “locução,” e não é apenas ao nível do conteúdo que a unidade autônoma do discurso representa uma unidade da língua ou do discurso.

Registra, então, que não é possível descrever fatos de significação ou, ainda, diferenciar dois signos homônimos – o gesto (*salut*) e a palavra (*salut*) –, caracterizando o exterior do que é um signo; entretanto, salienta que Benveniste, ao preferir o “ser” a “significar”, deixa evidente que não considera o “gesto” e a “palavra” como homônimos, mas como uma mesma palavra com estatuto linguístico diferente, só que não é possível localizar essa diferença de estatuto, com seus traços semânticos pertinentes, baseando-se no “ser” das sequências de palavras.

Segundo Rey-Debove (1975), Benveniste se torna autor do fenômeno da autonímia sem nunca tê-lo descrito, pois caracteriza a palavra autonímia com termos que designam o delocutivo e que, ao serem reunidos, evidenciam três aspectos da palavra autônoma:

- 1) o fato de receber o estatuto autonímico somente no discurso (locução de discursos);
- 2) o fato de que significa seu próprio significante (elementos formais de discursos) e não comportar substituição por sinônimos;

- 3) o fato de todas as palavras ou sequências autônomas serem nomes (nome da noção).

A metalinguagem benvenistiana relativa aos delocutivos é criticada por Rey-Debove, que a considera reflexo das incertezas de Benveniste, ao mesmo tempo em que a autora define o delocutivo como um derivado cuja base é uma palavra autônoma do sintagma que ele forma com um verbo metalinguístico e com a junção de sufixos verbais. Rey-Debove (1975) conclui, então, que o verbo delocutivo é apenas um caso particular do fenômeno geral de derivação sobre base autônoma.

Ao fazer uma interpretação autonímica do delocutivo, a questão da categoria gramatical da base diverge da proposta por Benveniste. Todas as palavras autônomas, independente da categoria gramatical de seu homônimo, são nomes; assim, a interpretação autonímica dos delocutivos torna-os denominativos, uma vez que a base de todos será um nome. A diferença entre os denominativos e os delocutivos, para Rey-Debove, é representada pela manifestação da homonímia de base, sendo que o estatuto semiótico de cada nome é que se diferencia.

Determinada a categoria gramatical dos nomes para esse tipo de derivação, vemos que, para a autora, a oposição terminológica delocutivo/denominativo não se sustenta, assim como a distinção entre o “dizer” e o “fazer”, pois considera que as suas fronteiras se entrelaçam, não permitindo uma evidência de um ou

outro estatuto semântico. Como forma mais adequada de nomear os delocutivos, propostos por Benveniste, Rey-Debove (1975) sugere a expressão “denominativos autonímicos”, por considerar a autonímia da base o único critério que define, efetivamente, um delocutivo benvenistiano.

Consideremos, ainda, a proposta de Recanati (1978), registrada no artigo “Performatifs e delocutifs: a propos du verbe *s’excuser*.”, por meio do qual o autor faz um estudo sobre as diferentes possibilidades de sentido do verbo *excuser*, do francês contemporâneo. Dentre os usos e sentidos decorrentes, analisa um emprego que se caracteriza por ser originário de uma locução, ou seja, um delocutivo, segundo a noção benvenistian. Para o autor, esse verbo, em seu uso delocutivo, é também um performativo, na acepção proposta por Austin, para quem o enunciado performativo “[...] indica que ao se emitir o proferimento está-se realizando uma ação, não sendo, conseqüentemente, considerado um mero equivalente a dizer algo” (1990, p. 25). O argumento de Recanati (1978) está baseado no fato de que, ao enunciar, o locutor realiza o ato que está enunciando, ou seja, realiza-se o ato pela própria enunciação efetivada, emergindo, assim, a necessidade de buscar as relações entre delocutivos e performativos. Trata-se, então, da performatividade dos delocutivos e da delocutividade dos performativos.

No primeiro caso, parece haver certa tendência para a performativização dos delocutivos, pois esse fenômeno não se aplica somente ao verbo “desculpar”. De modo geral, um verbo, ou uma locução verbal, que signifique o ato realizado pela enunciação de uma fórmula pode ser utilizado, em primeira pessoa do presente do indicativo, tanto para realizar este ato como para realizar a fórmula em questão. Quanto a essa tendência à performatividade dos delocutivos, não há motivos para dúvidas; Recanati avalia, então, o fato de serem os performativos delocutivos – é a hipótese da derivação delocutiva dos performativos. Em sua tese, propõe que se observem as possibilidades de usos delocutivos, já que, em um determinado emprego, pode se configurar a derivação delocutiva. Assim, “[...] non seulement un verbe, mais un sens d’un verbe peut être dérivé délocutivement...” (1978, p. 75), o que comporta o alargamento da derivação delocutiva (já previsto por Benveniste, por ocasião de sua análise do verbo *uallere*), no sentido de resgatar significações possíveis e retidas em base única, ou seja, uma base significativa pode comportar significações evidenciadas em usos que dela são promovidos. Esse viés de análise permite valorizar a questão das significações decorrentes dos usos das unidades linguísticas e de ser a delocutividade dos performativos uma possibilidade a ser averiguada no e pelo resgate do emprego das formas.

Define-se, então, que um delocutivo comporta a performatividade, entretanto, a performatividade não garante uma realização delocutiva (em seu sentido *stricto*), pois um verbo (em nossa concepção, qualquer unidade linguística), ou determinado uso desse verbo, que embora denote a própria ação pelo ato de dizer, deverá ser oriundo de uma locução do discurso para que a delocutividade do performativo se estabeleça.

Não nos associamos à proposta de Rey-Debove (1975) e Fruyt (1997) por entendermos como possível a interpretabilidade diferencial entre o *dizer* e o *fazer*, quando considerados na língua em emprego, ou seja, associamo-nos a Recanati (1978) por entendermos que os usos fornecem o diferencial entre esses estatutos semânticos e, decorrente dessa aceção, entendemos que uma locução do discurso pode promover a produtividade em uma língua, conforme os indicativos benvenistianos. Portanto, um delocutivo deve estar marcado pela relação “dizer”, pois é nessa relação que a delocutividade se estabelece e se identifica como renovadora da língua.

## A noção delocutiva no contexto brasileiro

Na pesquisa sobre a noção delocutiva aplicada ao português do Brasil, consideramos as reflexões iniciais de Rodolfo Ilari (1986, 2002) e a proposta de Flores e Silva (2006), que propuseram aplicações dessa noção.

Ilari (1986), no artigo “Delocutivos nós também temos, falô?”, insere, mesmo que de forma breve, a noção de delocutividade na língua portuguesa do Brasil. O registro do uso do verbo *falou*, no diálogo: “A – A bebida fica por sua conta, falou? B – *Falou!*”, levou o autor a propor uma explicação, baseada numa interpretação habitual do uso desse verbo. O uso de *falou* na pergunta (A) é decorrente do emprego convencional desse verbo na resposta (B); é, então, um pedido antecipado de consentimento do interlocutor sobre o fato. Para Ilari, o uso desse verbo, na pergunta (A), antecipa a resposta *falou!* (B) e induz o interlocutor a ela. Antecipa, porque, na troca de turno, é o que o locutor espera como resposta do interlocutor, e induz, porque serve como uma pista do que o locutor deseja como resposta.

Para encerrar sua rápida abordagem, Ilari sugere que o uso em (A) não seja enquadrado em anomalias morfológicas, mas em criações de “[...] fórmulas ligadas ao desenvolvimento do diálogo”, ou em “[...] criação de novos segmentos do léxico, por derivação, imprópria, via citação” (1986, p. 84). O verbo *salutare*, oriundo de *salus!* (saudação), célebre exemplo de Benveniste ao propor a noção de delocução, é citado por Ilari, a fim de registrar o fato de não ser raro haver criações de fórmulas por meio de citações, ao que, segundo ele, Benveniste denomina de verbos delocutivos, ou seja, “[...] verbos originados de nomes, via uso e interpretação formulaica destes” (1986, p. 84).

Ilari, assim como Benveniste, elege os verbos como a classe a ser analisada, entretanto, anuncia que a delocutividade não se limita a ela. O autor não aborda, nesse texto, outras possibilidades de formações léxicas delocutivas; deixa para o leitor essa tarefa, induzindo-o a essa busca, com as seguintes palavras: “Se é representativo de uma classe ampla de fenômenos, ou não, diga-o quem quiser” (1986, p. 85). A valoração desse texto se dá mais por ser uma proposta que viabiliza a fundação dos estudos da delocutividade no contexto brasileiro do que pelas brevíssimas explicações realizadas. Esse texto é mais um resumo abreviadíssimo do assunto, conforme o próprio Ilari revela, a título de introdução de sua proposta: “Esta comunicação será brevíssima” (1986, p. 81).

Em 2002, o autor volta a propor o estudo da delocutividade e vai além da formação verbal a partir de substantivos. Em seu artigo “Encore quelques délocutifs”, considera que há uma série de formações, no português, em que a noção delocutiva pode ser aplicada e que essa noção traz dificuldades para a semântica, que focaliza somente o sentido e a referência das expressões. Registra, ainda, que o recurso à situação de emprego das palavras, na busca pela evolução do seu sentido, não é recente e que levar em consideração as situações de emprego permitiu elucidar diversos “mistérios” na história das línguas. Adverte, entretanto, que a derivação delocutiva de Benveniste é de natureza

bastante diferente da ideia inicial. Trata-se, segundo Ilari, de ações linguísticas retidas no processo derivacional, sendo o nome o elemento representante dessas ações e base para esse tipo de derivação.

Para Ilari, esse processo derivativo não se restringe aos verbos delocutivos propostos por Benveniste; o alcance dessa noção é bem maior. Ele prefere, então, derivação delocutiva para denominar esse fenômeno linguístico, fato que reiteramos nesta pesquisa.

Um estudo dos pares *esmola/esmolar* e *parabéns/parabenizar* ilustra o que Ilari chama de “*detour par une situation d’énonciation*” (2002, p. 4). Para ele, é esse rodeio pela situação de enunciação que permite o resgate da relação entre os termos e os identifica como delocutivos. Compartilhamos com o autor a ideia de resgatar, via situação enunciativa, o processo formativo de um delocutivo; contudo, não definimos, para este estudo, uma busca, como fez Ilari, dos elementos históricos de formação do “*le sens original*” (2002, p. 4) dos termos, para explicar a delocutividade, pois consideramos a ideia de “usos delocutivos”, conforme entendemos na proposta de Benveniste, reforçada em Flores e Silva (2006). Assim, não cremos que a retomada etimológica do sentido vá conferir estatuto de delocutividade às formações léxicas. O ritual enunciativo da linguagem, de fato, deve ser resgatado em sua sincronia, como o fez Ilari. No entanto, a relação locução/delocutividade não requer uma garimpagem histórica do sentido, pois

se elucida via ato enunciativo, baseado na relação “dizer”, compartilhada entre os interlocutores. Isso independe de como, historicamente, chega-se a tal ato. Assim, a base “*esmola*” não origina um delocutivo, “*esmolar*”, conforme a acepção original, pois não está marcada pela relação “dizer”, mas, sim, “fazer” um pedido, no português contemporâneo.

O rodeio pela enunciação também pode servir para a formação de palavras que não pertençam à classe dos verbos, justificando-se, assim, a preferência do autor por derivação delocutiva e não por verbos. A interjeição *olé!*, transformada em substantivo comum, em “O cachorro deu um *olé* no professor” (2002, p. 5), ao que os gramáticos chamam de derivação imprópria, assim como o uso do termo “*cheguei*”, em “umas roupas (bem) *cheguei*” ou em “uma dona muito *cheguei*” (2002, p. 6), são alguns dos exemplos utilizados para evidenciar que o tipo de derivação – imprópria – conduz à derivação delocutiva em registros do português brasileiro coloquial. No novo item lexical, fica armazenada alguma coisa da situação de emprego que desencadeou a derivação, ou seja, para Ilari (2002), parte-se de uma enunciação da qual se mantém, na nova criação léxica, essencialmente, a função por ela desempenhada.

Para encerrar a parte descritiva de sua proposta, o autor cita o termo “*damedos*”, usado para designar os turistas argentinos no sul do Brasil, originário de “*Dá-me em dois*”, locução amplamente empregada pelos argentinos em função

das diferenças de câmbio das moedas argentina e brasileira, assim como outros termos que denominam imigrantes, cuja origem é merecedora de análises à luz da noção delocutiva. Ainda, um segundo termo para designar o automóvel fusca – “pois é” –, como uma derivação pejorativa de fusca, e o emprego interrogativo do verbo “falou?”, já discutido anteriormente, foram citados para mostrar que recorrer à noção delocutiva da língua parece ser fundamental na reflexão sobre a derivação de termos, ou seja, a recorrência apenas à sistematização dos fenômenos linguísticos derivativos pode não elucidá-los. Por essa abordagem, fica evidente que à noção tradicional de sentido e referência deve ser agregado o uso das expressões, sendo o sentido resultante do emprego das expressões e não do somatório das partes que as constituem. Ainda, a noção de derivação delocutiva foge das formas habituais de tratamento dos fenômenos linguísticos, mas o recurso a ela é fundamental para elucidar questões ainda subjacentes sobre a natureza da linguagem.

O artigo de Flores e Silva (2006), “Enunciação e produtividade lexical: um estudo dos processos de delocutividade verbal no português”, estabelece uma forma de identificação da delocutividade em verbos da língua portuguesa. Os autores elegem a perspectiva de Benveniste para a análise dos verbos, mas não se detêm a ela. Utilizam a distinção proposta por Anscombre (1985) para tipos de delocutivos e a noção aproximativa

entre performatividade e delocutividade de Récanati (1981), ao definir que, na base dos delocutivos, há sempre um performativo implícito.

Como princípios de análise, Flores e Silva (2006) propõem: a) observar ocorrências do verbo em uso delocutivo; b) verificar se nessas ocorrências há ou não a retomada de uma locução, a fim de averiguar a hipótese de delocutividade; c) colocar o enunciado em que o verbo aparece em estrutura de discurso direto (DI); o essencial é ser possível, na paráfrase em ordem direta dos enunciados envolvidos no processo, produzir um enunciado com sentido aceitável, isso dará estatuto de uso delocutivo ao verbo; após a confirmação de uso delocutivo; d) verificar as regularidades desse uso nos planos morfo-sintático-semântico da língua. A partir dessa proposta analítica, os autores registram e analisam os verbos desculpar e parabenizar (com usos delocutivos) e encorajar (com usos não delocutivos).

Compartilhamos com os autores a ideia de usos delocutivos atrelados ao caráter sincrônico desse tipo de derivação, ambos subjacentes na obra de Benveniste e restaurados nos princípios já referidos para análise. Nesse sentido, o texto de Flores e Silva (2006) é inovador, quer por oferecer uma proposta viável que permite (re)conhecer usos delocutivos de verbos da língua portuguesa, quer por definir um quadro favorável para o estudo da delocutividade na língua portuguesa.

Com o registro desses textos, abordamos formas de tratamento da noção delocutiva no contexto brasileiro e salientamos que são raros os estudos nesse campo apresentados até o momento, de forma que essa noção ainda carece de maiores reflexões aplicadas à língua portuguesa. Em nossa acepção, é preciso buscar caminhos que permitam identificar a delocutividade como um processo de formação frequente, amplo e carente de estudos no âmbito da linguagem em uso.

## A noção delocutiva e a linguagem em estado nascente

Ao considerar a viabilidade da renovação da língua por meio do processo de delocutividade, cumpre explicitar princípios que, embora não expressamente declarados neste texto, subjazem nas considerações já tecidas:

- a) se é verdade que a língua precisa ser enunciada para ser vista como tal, não é menos verdade que a enunciação é responsável, ao menos em parte, pela organização dessa língua e, até mesmo, pela sua renovação;
- b) o modelo da delocutividade proposto por Benveniste para o estudo dos verbos é potencialmente generalizável de forma a servir de modelo explicativo e descritivo dos efeitos da enunciação sobre o processo de renovação da língua;
- c) a delocutividade é um processo que se estende à língua toda e a todos os seus componentes (fonológico, sintático, morfológico, lexical etc.) (DELLA MÊA, 2009, p. 64).

A língua se atualiza a cada enunciação; é no ato de enunciar, ou ainda, a partir da enunciação, que a língua se configura como tal. De outro modo, a enunciação promove efeitos sobre a língua, o que a organiza e renova a cada manifestação enunciativa. Sendo assim, Benveniste (1989, 1995b) já presumia, em sua proposta enunciativa, a transitividade do discurso para a língua, por meio do texto *Os verbos delocutivos* (1995a). A noção delocutiva serve, então, de modelo explicativo e descritivo dos efeitos da enunciação sobre a renovação da língua; é, portanto, extensiva à língua toda e manifestada na transitividade do discurso em direção à língua. Nesse percurso, cabe regressar aos fatos que são relativos ao ser afásico citado e desencadearam nosso percurso reflexivo.

Retornando aos fatos registrados no início deste artigo referentes ao paciente Marc e os observando pelo/no processo delocutivo, buscamos vislumbrar possibilidades de estudos sobre o reaver a linguagem, ou seja, a linguagem em novo estado nascente. Nesse sentido, conjecturamos “[...] para análise das formas complexas do discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 90), mas pela perspectiva dos efeitos da enunciação sobre a língua do ser afásico.

Com relação ao vocábulo “escultura”, pronunciado por Marc, após muitas tentativas e de modo meio soletrado, pois fazia questão de saber enunciá-lo, podemos retomar Benveniste, quando registra que é

[...] um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (1995b, p. 285).

No ser afásico, o processo delocutivo permite considerar a subjetividade na linguagem em outros termos, já que parte da capacidade do locutor se propor como sujeito passa por um distúrbio. Seria, então, um sujeito que se propõe, como locutor, a ser independente do discurso do outro? A necessidade de Marc em enunciar “escultura” pode ser analisada por essa perspectiva. É uma tentativa de, no processo de reaver a linguagem, dissociar-se da dependência do discurso alheio, ou seja, desfazer a *conjunção eu/tu*, nomeada por Silva (2011) para o ato de aquisição da linguagem na criança, e ser o responsável pela constituição do *tu* na enunciação (*disjunção eu/tu*, necessária para a autonomia linguística do afásico).

Na mesma perspectiva de renovação da língua pelo fato de ela ser enunciada, podemos retomar as noções de forma e sentido benvenistianas e observar o *valor* da forma a partir do ato de enunciar do ser afásico e atrelar essas concepções aos tipos de afasias evidenciados. No caso da forma escultura, essa renova ou recria a língua de Marc, por ser um signo coletivo e compartilhado entre interlocutores, mas em processo de estruturação formal, não de nova significação. É nesse sentido que Benveniste ensina:

Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo *repertório de formas*, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo. A partir da função linguística, e em virtude da polaridade eu: tu, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares (1995b, p. 27, grifo nosso).

Ao que parece, entrar na linguagem e se sentir sujeito, locutor e sujeito de sua enunciação, é também um efeito da enunciação sobre a língua do afásico, pois a “[...] linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito” (BENVENISTE, 1995b, p. 286). Não é possível, portanto, dissociar do homem a propriedade da linguagem.

Pela observação do enunciado “Foi aqui no ‘mundo’”, no vocábulo encontrado por Marc para se referir à Argentina, encontramos, por meio da delocução, um sentido não cristalizado na língua e atrelado à forma genérica *mundo*, mas que forneceu as pistas para elucidação da significação. Nesse caso, a forma Argentina surge não de Marc, mas dos interlocutores que a pronunciaram. O paciente reconhece o sentido, mas, em função de seu distúrbio, não encontra, no seu repertório lexical, a forma comum aos interlocutores. Sua ênfase em dizer: “Não é esse... outro... outro... Igual a esse, mas outro” também pode estar associada à ideia da necessária *conjunção eu/tu* para o estabelecimento da significação da linguagem do afásico em seu novo estado nascente (pelo viés da delocução).

Não só as noções de (inter)subjetividade, forma e sentido e aquisição da linguagem, apenas esboçadas neste momento, conferem à noção delocutiva um tratamento de significações ainda não elucidado. Em relação aos distúrbios da linguagem, é necessário que se compreenda: em que medida e sentido o paciente depende do processo de delocução para renovação da sua língua? É preciso, também, que se compreenda que os verbos delocutivos, numa acepção restrita do termo delocutividade, são dependentes do aparato formal de sua realização. Assim, evidenciamos que o horizonte que se abre pela adoção da noção delocutiva da língua está ainda por ser feito. É preciso, por fim, que se estabeleçam os processos de derivação delocutiva promovidos pelo ser afásico, dentro da perspectiva do que Flores (2013) propôs como antropologia da enunciação: homem, linguagem e cultura indissociáveis.

## Considerações finais: delocutividade – o que é e para que serve

A título de encerramento, retornamos, em caráter sintético, porém explicativo, à significação defendida sobre a noção de delocutividade oriunda do texto *Os verbos delocutivos*, de Benveniste (1995a).

A delocutividade é um mecanismo que se estende à língua toda e a todos os seus componentes; é entendida como um processo formador da língua como sistema e oriundo do ato de enunciar, ou seja, o *ato*

*individual de utilização* da língua renova e recria a língua a cada funcionamento. Esse processo (renovação da língua pelo viés da enunciação) permite que pensemos tanto no estado nascente da língua quanto no estado de dissolução, pois permite desvendar como ocorre a renovação da língua como sistema.

Ao se considerar a viabilidade da renovação da língua por meio do processo de delocutividade, cumpre reconhecer, na estrutura da língua, os efeitos da enunciação que permitem renová-la ou mesmo recriá-la. Por esse viés, o interesse “[...] pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução” (JAKOBSON, 2007, p. 34) carece, ainda, de muitas elucubrações.

## Delocutivity and language disorders

### Abstract

The notion of delocutivity proposed by Émile Benveniste in *The delocutive verbs* (1958) is the focus of this reflection, which proposes itself to rescue the original benvenistian conception, to consider proposals that challenge and/or affirm and expand it, to ascertain the notion applied to the brazilian context and, lastly, to glimpse interpretative possibilities of language disorders, considering the delocutivity phenomenon. In this trajectory, one arrives at the understanding that the delocutive notion is a process that can be extensive to the whole language, and that through it significances are revealed, understood

as effects of the enunciation on the language. It is in this sense that the study on the retrieval of the language resulting from a disturbance, i.e. in new nascent state, can be perceived.

**Keywords:** Aphasia. Delocution. Enunciation. Language.

## Notas

- <sup>1</sup> O GIC é um programa de extensão que tem como propósito possibilitar o acesso a um tratamento integrado, gratuito e de qualidade, bem como, consequentemente, promover a reinserção dos sujeitos com lesão encefálica na sociedade e aprimorar a formação de profissionais dos núcleos envolvidos. Está vinculado à pesquisa *Da relação linguagem e demais processos cognitivos: um estudo interdisciplinar no envelhecimento e das patologias encefálicas em adultos e idosos* (CAAE 0324.0.243.000-11) e aos estágios dos cursos de Fonoaudiologia e de Terapia Ocupacional.
- <sup>2</sup> O nome Marc é uma criação representativa de um dos sujeitos em tratamento.
- <sup>3</sup> A fundamentação teórica registrada neste texto é baseada nos estudos da tese de doutorado *Delocutividade: uma visão enunciativa do processo de renovação da língua*, de minha autoria, defendida em 2009, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

## Referências

- ANSCOMBRE, Jean-Claude. Onomatopées, délocutivité et autres blablas. *Revue romaine*, Paris, v. 40, p. 169-207, 1985.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENVENISTE, Émile. Os verbos delocutivos. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995a. p. 306-315.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- DARMS, Georges. Problemas de la formation délocutive des mots. *Museum Helveticum*, Rämistrasse, Zürich, v. 37, p. 201-211, 1980.
- DELLA MÉA, Celia. *Delocutividade: uma visão enunciativa do processo de renovação da língua*. 2009. 114 f. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- DUCROT, Oswald. La delocutividad. In: \_\_\_\_\_. *Polifonia y argumentacion*. Cali: Universidad del Valle, 1988. p. 31-48.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana. Enunciação e léxico: sobre os processos de delocutividade verbal no português. *Analecta*, Guarapuava, v. 7, p. 119-132, 2006.
- FRUYT, Michèle. Les verbes délocutifs selon E. Benveniste. Émile Benveniste vingt ans après. *Nanterre*, Paris, X, p. 61-71, 1997.
- ILARI, Rodolfo. Delocutivos nós também temos, falô? *Caderno de Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 10, p. 81-85, 1986.
- \_\_\_\_\_. Encore quelques délocutifs. *Delta*, São Paulo, v. 18, p. 115-129, 2002.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 34-62.
- RECANATI, François. Performatifs et délocutifs: à propos du verbe s'excuser. *Semantikos*, Paris, v. 2, p. 69-87, 1978.
- REY-DEBOVE, Josette. Benveniste et l'autonymie: les verbes délocutifs. *Travaux de Linguistique et de Littérature*, Strasbourg, v. 12, p. 245-251, 1975.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. Os movimentos enunciativos da criança na linguagem. *Revista da Abralin*, n. especial, p. 74-95, 2011.